



somoscoop

O Campo

Edição 34 • julho | agosto • 2020

 Coopermota

Mala Direta
Básica

Contrato: 2017
CNPJ 46844338/0001-20 / SE/SPI

Coopermota Cooperativa
Agroindustrial



SEGURO RURAL PARA PROTEÇÃO DA SAFRA



Previsões climáticas
que auxiliam
o produtor rural



Agricultor avalia
sucesso com vacas
leiteiras: Jersey

CHEGOU A NUTRIÇÃO IDEAL PARA O SEU ANIMAL COM SELO DE QUALIDADE COOPERMOTA

Disponível para: Bovinos Corte, Bovinos Leite, Ovinos e Equinos

Equilíbrio nutricional com

- +Desempenho
- +Performance
- +Força

SUPLEMENTO ANIMAL COMPLETO





Coopermota
SUPRE
SUPLEMENTO MINERAL ANIMAL



Coopermota
SUPRE

PESO LÍQ.
25 kg

ATIVIDADE DE RISCO

Embora haja uma diversidade de investimentos disponíveis ao agricultor para que ele busque a melhor rentabilidade na sua lavoura, o produtor sabe que a condição climática é determinante no balanço final deste negócio. Em um tempo histórico muito próximo, os agricultores eram aqueles que tinham o olhar atento para o céu porque sabiam buscar dele a resposta bastante precisa sobre possíveis viradas climáticas. Mas os tempos mudaram e até mesmo as características das estações do ano, primavera, verão, outono e inverno, estão instáveis e não seguem mais as mesmas variações até então esperadas e consideradas pelo agricultor no momento de cultivo de sua lavoura. Diante desta e várias outras mudanças que continuam em curso, o risco agrícola está cada vez mais alto. Como se precaver de geadas, chuvas intensas ou calor excessivo, se nem mesmo a “cartilha” das estações determinam os meses de melhor condição para esta ou aquela atividade? Neste sentido, é cada vez maior o número de agricultores que recorrem ao seguro rural para garantir um equilíbrio financeiro ao seu negócio.

Nesta edição batemos um papo com um agricultor que já sentiu na pele a incerteza de bons resultados frente à interferência da chuva no momento em que plantava o soja na safra 2019/2020. O seguro foi determinante para viabilizar o replantio das sementes e, a consequente, manutenção do produtor no cultivo deste cereal, já que ele também planta mandioca e café, na região de Santa Cruz do Rio Pardo.

Uma série de outras abordagens você pode acompanhar nesta edição, como a reportagem sobre as estações meteorológicas da Coopermota, em parceria com a Adama, instaladas em cinco pontos da área de abrangência da cooperativa. Riscos climáticos podem ser reduzidos diante de boas previsões e acompanhamentos históricos regionais ligados ao tema.

Neste mesmo sentido, de medidas preventivas à produtividade agrícola, outro agricultor, desta vez de Echaporã, relata um pouco de sua trajetória como gerente de uma indústria de cana e posterior adesão exclusiva ao gado de leite da raça Jersey. Segundo afirma, estas duas situações de atuação profissional já faziam parte de um planejamento de vida traçado por ele. Hoje atua com base em um balanço um balanço muito estreito de despesas e receitas para garantir rentabilidade com lucro estimado em 30% sobre a despesa mensal. Ele relata que está em uma fase de sua vida em que pode se considerar uma pessoa feliz.

A cultura do abacate também está entre as reportagens desta edição, com atenção ao trabalho desenvolvido na região de Piraju. O produtor já possui 50 hectares cultivados com abacateiros com proposta de ampliação da área cultivada. A cultura lhe rende entre 150 a 200 quilos do fruto por pé. Para o cultivo, utiliza o espaçamento mais adensado, de 6x9m, e escalona o plantio de forma a sempre ter produção em andamento.

Outra novidade que você poderá acompanhar nesta revista são as atividades digitais desenvolvidas pela Coopermota no mês de julho. O CampoCooper Regional Digital e o Tour Virtual, ambos veiculados na O Campo TV, canal do youtube da Coopermota e mídias sociais da cooperativa, deram início à uma série de outras ações que serão disponibilizadas ao cooperado e agricultor em geral, como forma de oferecer difusão de tecnologia por meio do formato digital. As medidas visam reduzir as aglomerações em eventos técnicos presenciais e, ao mesmo tempo, ampliar o acesso dos produtores para os programas que continuarão à disposição para consultas e análises futuras.

As mensagens dos conselhos fiscal e administrativo da Coopermota, além dos eventos do Dia C, Arraiá Solidário e os artigos de parceiros fecham a série de informações agrícolas direcionadas para você, leitor, nesta edição da revista O Campo.

Tenha uma boa leitura.



Vanessa Zandonade
Editora

▲ Expediente

EDIÇÃO, REPORTAGENS, FOTOS E REVISÃO

Vanessa Zandonade (MTB 43 463/SP)

COLABORAÇÃO

Isabelli Martins Pimentel de Araújo
e Suelen Melo
Adolecente Aprendiz
(Convênio com Centro Vocacional Frei Paulino)

ARTE E DIAGRAMAÇÃO

NovaMCP Comunicação

IMPRESSÃO

Magraf

ANÚNCIOS

Departamento de Comunicação Coopermota
18 3341 9436 / 18 9 9163 0985

REPRESENTANTE COMERCIAL

Agromídia - São Paulo
Guerreiro Agromarketing - Maringá

REVISTA O CAMPO

Av. da Saudade, 85
Cândido Mota - SP
ocampo@coopermota.com.br



PRESIDENTE

Edson Valmir Fadel

VICE PRESIDENTE

Antônio de Oliveira Ro

TIRAGEM

3000 exemplares



MOMENTO DE DESTAQUE

Embora estejamos em uma das mais complexas pandemias sanitárias do mundo, o ano de 2020 tem possibilitado resultados bastante interessantes para o mercado agrícola. O agro tem se mantido como aquele que garante o alimento às comunidades, ainda que estas estejam em situações inesperadas de restrição do convívio social, como o que vivemos neste momento. O resultado deste balanço positivo é um avanço expressivo em todo o setor agrícola brasileiro, que se porta também como um dos importantes produtores deste setor alimentício para todo o planeta.

Neste sentido, a cooperativa tem acompanhado esta linha de desenvolvimento vivido por todo o setor, no país. No entanto, nossa diretriz tem sido a de nos mantermos em um crescimento pautado pela sustentabilidade das iniciativas tomadas e de manutenção dos setores já consolidados na história da Coopermota.

A safra de milho teve início em julho e deve ser mantida até o mês de setembro na área de abrangência da Coopermota, com variações entre uma localidade e outra. As medidas de segurança tomadas pela cooperativa no momento do recebimento da produção dos cooperados, no que se refere à proteção contra o contágio do vírus, vem possibilitando que esta atividade agrícola seja mantida com prosperidade.

Neste ano, além da pandemia, passamos por um longo período de estresse hídrico que trouxe mais complexidade ainda ao desenvolvimento do milho de segunda safra em toda a área de abrangência da cooperativa. O que esperamos é que os produtores alcancem a produtividade esperada e, com isso, possamos seguir com bons índices de desenvolvimento entre todos os agricultores desta vasta região de atuação da cooperativa.

Boa safra.



Edson Valmir Fadel
Presidente da Coopermota

08

Produtor relata importância do seguro rural para sua propriedade

11

Estações meteorológicas ajudam o produtor na definição de ações na lavoura

13

Pecuarista relata seu planejamento de dedicação exclusiva para o gado leiteiro

18

Cultura do abacate é alternativa para produtor na região de Piraju

23

CampoCooper é realizado como evento digital em 2020

28

Coopermota inicia série Tour Virtual, com recomendações agronômicas para diferentes culturas

33

Receita Candú: Ceviche à moda Candú

34

Conselho administrativo da Coopermota avalia momento agrícola

38

Conselho fiscal da Coopermota promete avaliar todos os setores da cooperativa

42

Dia C: cooperação e solidariedade

44

Arraiá solidário: tradição e parceria

46

PESQUISA EMBRAPA: a digitalização agrícola

49

ARTIGO EMBRAPA: ciência e cientistas conectados com o mundo

52

ARTIGO: Algoritmos contra a ferrugem asiática

SEGURO RURAL

Uma opção para reduzir os riscos desta “empresa a céu aberto”

Produtor avalia que o seguro reduz os riscos de sua lavoura, com um investimento relativamente baixo, se comparado ao custo de produção dos grãos e benefício garantido

Novembro de 2019. O plantio do soja na Fazenda Ribeirão Vermelho, em Gália, região de Santa Cruz do Rio Pardo, segue seu curso normal, com a conclusão do cultivo em parte da área total da propriedade, conforme o previsto para aquele momento. Entretanto, o que os produtores Renato Canesin e Leandro Ferreira Canesin, irmãos e sócios na lavoura, não esperavam precipitação de chuva intensa, o que prejudicou a germinação da semente cultivada. A iminência do prejuízo causou preocupação aos sojicultores devido a alguns empecilhos de documentação enfrentados para a comprovação de seus gastos com o replantio da área. Isso porque somente recorrendo à garantia do

seguro rural, então contratado, poderiam evitar um desfalque financeiro aos negócios dos irmãos. Após muitas intervenções junto à seguradora e demais empresas envolvidas na questão, finalmente a família Canesin conseguiu ressarcir parte de seus gastos.

“No meu planejamento de safra, a primeira coisa que eu deixo fechado é o seguro. Faço isso até mesmo antes da contratação de insumos como sementes, fertilizantes e outros. Este é o terceiro ano que a gente faz o seguro com a intermediação da Coopermota. No primeiro ano não tive problemas com o desenvolvimento da lavoura, mas no ano passado o meu plantio foi prejudicado. Na hora do cultivo veio uma chuva forte, teve erosão na área e a semente

acabou não germinando. Se eu não contasse com o suporte do seguro, com certeza o meu desfalque financeiro seria grande. Teria balançado a gente. Isso porque, entre os custos que temos em uma lavoura, 70% já vai no plantio. Então, se um plantio não é bem-sucedido o impacto é considerável”, comenta Renato.

Os dois produtores também cultivam café e mandioca na fazenda e pertencem à terceira geração de agricultores da família. Eles contam que os “Canesins” sempre cultivaram o milho, desde quando o avô estava à frente dos negócios, contudo a soja vem sendo uma opção de cultura há apenas seis anos. “Aqui na nossa região o pessoal está começando a cultivar a soja, todos sempre tiveram medo desta cultura devido ao risco, que realmente existe. Porém, com o seguro esta situação fica mais tranquila. Aliás, eu ainda estou plantando soja, por conta do seguro”, comenta Renato.

O agricultor explica que o soja começa a ganhar espaço na região de Santa Cruz do Rio Pardo em áreas antes destinadas, principalmente, a pastagens, mas também vem substituindo algumas antigas lavouras de café. “Entre os poucos produtores que plantam soja por aqui, todos estão fazendo o seguro. Eu até indiquei a Coopermota para um amigo meu, que no ano passado plantou sem cobertura nenhuma”, cita. O produtor enfatiza que desde quando começou a fazer o seguro de sua produção tem optado pelos pacotes das seguradoras que trabalham com a Coopermota, sendo determinantes os critérios de vantagens da apólice, os custos de contratação e, principalmente, a assistência oferecida pela equipe da Coopermota. “Já fechei com o Júlio (vendedor da Coopermota) o contrato para a safra 2020/2021 de novo, nem cotei com mais ninguém. Não tenho o que reclamar”, destaca.

Quanto ao valor de investimentos para a contratação do seguro de uma forma geral, Canesin avalia que atualmente o custo é baixo, comparado com as vantagens oferecidas e o custo de produção de uma lavoura de soja. “O risco é muito grande. Trabalhamos com uma empresa à céu aberto. Com esta garantia oferecida dá pra gente dormir mais tranquilo. Entre ganhar e ganhar muito eu prefiro ganhar, frente à possibilidade de perder. Se perde aí fica complicado”, justifica.

Na região de Santa Cruz do Rio pardo, mais de 12 mil hectares de soja da próxima safra já estão com a produção assegurada por intermédio da Coopermota. Na análise do assistente administrativo da Coopermota, Júlio César Silio, a maior adesão de produtores à cultura da soja, somada às oscilações dos fatores climáticos na região, têm contribuído para ampliar a quantidades de lavoura que estão sendo cultivadas com o seguro rural formalizado. Tal fato busca mitigar de forma a mitigar os imprevistos da natureza.



A área cultivada com soja tem aumentado na região de Santa Cruz do Rio Pardo, na mesma proporção em que aumentam as lavouras com seguro rural.

} COBERTURA EM TODA ÁREA DE ABRANGÊNCIA DA COOPERATIVA

Conforme dados da coordenadoria de seguro rural da Coopermota, os contratos mediados pela cooperativa oferecem cobertura multirrisco e se estendem a uma abrangência em torno de 90 municípios. “No momento da contratação você já vai ter fixada a produtividade e o preço da saca, de maneira padronizada entre todos os municípios em que a gente atua. Ele cobre prejuízos com seca, geada, granizo, chuva em excesso, tromba d’água, raio e incêndio, o que é muito importante. Somado a isso, nós temos um adicional que é do replantio, este que foi utilizado pelo Renato Canesin, devido aos problemas que ele teve com germinação. Nós damos assistência aos produtores, desde a contratação do seguro até a indenização, em casos de sinistro”, enfatiza Tatiana Duarte, coordenadora do setor.

Ela comenta que normalmente é maior a adesão dos produtores na busca pela contratação de seguro rural em culturas de milho, devido à possibilidade de geada, em detrimento à soja. Contudo, ela salienta que o clima está muito diferente e as estações adversas. “Nos últimos anos tivemos muitas safras com sinistros, devido à seca ou chuva, ambos em condições extremas. O seguro que se contratava anteriormente cobria apenas o custo do produtor com os insumos. Então, se ele investia R\$ 3.200,00 por alqueire, a indenização cobriria apenas esse valor, ou até menos. Já no nosso seguro, incluímos gastos com combustível e outras variáveis indiretas. O seguro rural tem evitado que os produtores rurais fiquem descapitalizados”, diz.

A coordenadora afirma que, além destas coberturas, a cooperativa também oferece a opção para o produtor rural assegurar proteção à qualidade dos grãos de sua lavoura, cobertura que, segundo ela, é muito pedida pelos agricultores e é uma opção exclusiva da Coopermota. Cita ainda que a cooperativa também possui opções para o produtor que vem encontrando dificuldades para contratar o seu seguro, seja por atuar em solo tipo 1, cultivar em primeiro ano de pós-pastagem ou de cana.



O seguro da soja fixa a produtividade esperada de maneira uniforme em toda a área de abrangência da Coopermota.



} SUBVENÇÕES FEDERAL E ESTADUAL

O seguro rural possui benefícios concedidos pelo estado de São Paulo e também pelo governo federal. As subvenções das duas esferas de governo, consideram alguns fatores como o grupo de atividade da cultura, o tipo de cobertura, o tipo de produto contratado e o nível de cobertura especificado em apólice.

No ano safra 2020/2021, o Governo Federal disponibilizou a quantia de R\$ 236,3 bilhões para o seguro rural, com uma elevação de R\$ 13,5 milhões sobre o montante do ano anterior. Dos mais de R\$ 200 bilhões que fazem parte dos recursos destinados à subvenção federal do seguro rural em vigor, R\$ 179,38 bilhões seriam voltados ao custeio e comercialização dos produtos agrícolas.

O plano disponibilizado pelas seguradoras vinculadas à Coopermota se enquadra no seguro multirrisco, com proteção de custeio e produtividade, a um percentual de 25% do valor do seguro, limitado ao um teto anual de R\$ 48 mil. Já para a subvenção estadual, o percentual é de 32,50%, com limite de R\$ 24 mil por beneficiário, com critérios de concessão próprios em relação à subvenção federal.

Neste ano, a subvenção estadual foi tema de intensos debates nos bastidores do governo e de instituições ligadas ao setor agrícola. Entretanto, a partir de pressão exercida pela Ocesp (Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo) e um bloco de cooperativas do Vale Paranapanema, do qual a Coopermota foi integrante, o benefício foi finalmente concedido aos agricultores. “Diante da possibilidade de negativa do governo estadual para o pagamento da subvenção estadual, imediatamente acionamos o movimento cooperativista estadual para pressionar o governo. As cooperativas tiveram papel importante nesta liberação”, enfatiza Tatiana Duarte, coordenadora do setor na Coopermota.

Pesquisa divulgada em 2015 pelo IEA (Instituto de Economia Agrícola/SP) aponta que os municípios de Itaberá, Palmital, Cândido Mota, Itapeva e Campos Novos estavam entre as localidades produtoras de soja com maior utilização da subvenção estadual, os quais compunham o total de 25% de área de soja assegurada em todo o Estado de São Paulo, com mais de trezentos mil hectares (<http://www.iea.sp.gov.br/out/LerTexto.php?codTexto=14497>).

Conforme análise dos autores da pesquisa,

Rejane Cecília Ramos, Paulo José Coelho e Fernando Penteado, “o agronegócio está muito exposto às incertezas climáticas, principalmente a seus eventos extremos, cada vez mais frequentes. O Brasil precisa, portanto, reforçar sua política agrícola voltada para o seguro da renda agrícola, uma vez que o seguro rural é uma política pública que reduz substancialmente as prorrogações e renegociações dos financiamentos”, concluem. ■





PREVISÕES METEOROLÓGICAS

Dados que contribuem para a assertividade na lavoura

A Coopermota disponibiliza dados meteorológicos com informações regionais precisas, a partir de uma parceria com a Adama Clima



ACESSE A PÁGINA
DE NOSSAS ESTAÇÕES

A chuva começa a ser registrada com bom volume na cidade onde João foi resolver algumas questões burocráticas do seu sítio. A felicidade já pode ser vista de imediato em seu rosto, já que o plantio da safra de feijão já está prestes a ser realizado, no aguardo apenas de que haja mais umidade no solo. Assim que percebe as primeiras gotas, ele acessa pelo seu celular os dados da estação meteorológica instalada na cooperativa, próxima à sua propriedade. Infelizmente, conforme consta, a mesma condição climática não ocorre lá na sua lavoura. A chuva ainda não chegou. Ele terá que aguardar para a próxima semana, quando está prevista a precipitação de 50 milímetros de chuva em sua área. O retrato deste momento do produtor João é fictício, mas relata o dia a dia de muitos agricultores. A boa condição climática é requisito básico para o bom desenvolvimento de suas plan-

tações.

Cada vez mais as tecnologias estão acessíveis aos agricultores. Informações meteorológicas disponíveis em aplicativos e sites com acesso restrito já fazem parte da realidade de grande parte dos produtores rurais. De acordo com dados técnicos fornecidos pelo setor agrônomo da Coopermota, a previsão meteorológica auxilia nas tomadas de decisões sobre o período ideal de plantio, como também quando haverá melhores condições para aplicações de insumos e para a colheita. Com o planejamento mais assertivo, os agricultores buscam reduzir custos e aumentar a produtividade a partir de manejos mais precisos.

Atualmente, a Coopermota disponibiliza dados meteorológicos com informações regionais, a partir de uma parceria com a Adama Clima. As estações estão instaladas no Campo de Difusão de Tecnolo-

COOPERMOTA clima - Estação: Cândido Mota

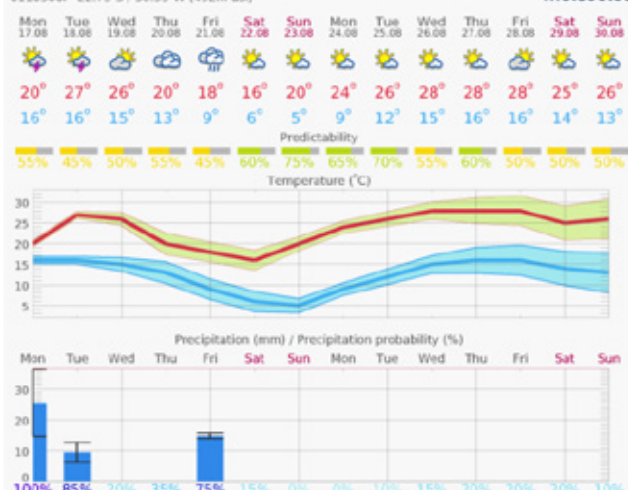
Informe a Cidade/Imagem

Estação: Imagem:

ENVIAR

0110306F 22.73°S / 50.39°W (492m asl)

meteoblue



COOPERMOTA clima - Estação: Bandeirantes

Informe a Cidade/Imagem

Estação: Imagem:

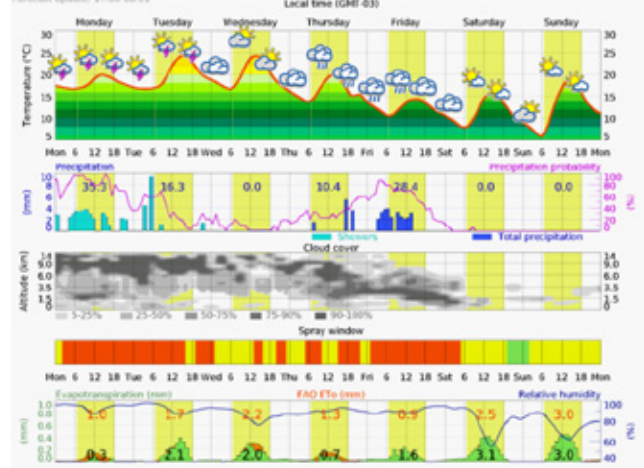
ENVIAR

012046E3

23.11°S / 50.18°W (177m asl)

Meteogram

meteoblue



gia da Coopermota, em Cândido Mota, em Palmital, Santa Cruz do Rio Pardo, Maracá e, recentemente, também em Bandeirantes.

Para consultar os dados de todas as estações o produtores devem acessar o site da Coopermota, no endereço <https://coopermota.com.br/climacooper/climacooper.php>. A partir deste espaço virtual, o agricultor tem acesso pelo seu celular a informações de temperatura, precipitação sobre chuva, ao painel de incidência solar, à janela ideal de aplicação de insumos, à umidade relativa do período e às especificidades relativas ao vento.

Em divulgação on-line da Adama Clima, o então diretor de Marketing e, desde 2019, o CEO Brasil da companhia, Romeu Stangerlin, explica que o sistema das estações é bastante simples e realiza uma previsão de clima in loco, com bastante precisão para cinco ou seis dias. Ele acrescenta que o

produtor pode acompanhar o histórico das condições climáticas relativas à sua lavoura, acessando os dados de onde quer que ele esteja, bastando uma conexão com a internet e um celular.

Da mesma forma, o texto de apresentação da Adama Clima enfatiza que “o clima é um dos fatores mais importantes para a agricultura. Como é algo impossível de ser controlado, prever suas condições é a melhor forma de estarmos preparados para agir”.

O sistema das estações meteorológicas abrange informações climáticas a um raio de sete quilômetros a partir do local em que está instalada, em uma cobertura aproximada de 12 mil hectares. Os seus dados são transmitidos por sinal de celular ou wi-fi, com atualização das informações de hora em hora. Possui sensores de chuva e temperatura, bem como dados históricos para análises comparativas”.



Estação instalada no Campo de Difusão de Tecnologia da Coopermota, em Cândido Mota.



Gestor da unidade de Bandeirantes, Antônio Cesar Zanon, e representante da Adama, Raphael Malandrino durante instalação da nova estação.

Planejei que trabalharia exclusivamente com o gado leiteiro e hoje sou feliz

Atualmente, cada animal da propriedade produz cerca de 20 litros/dia. A meta do pecuarista é aumentar esta produção em aproximadamente 20%, a partir do melhoramento genético, no prazo de cinco anos

O pecuarista e agrônomo trabalhava em uma grande usina de açúcar e álcool, mas já tinha na cabeça os planos para o seu futuro. Conforme sua organização pessoal, em determinada data de sua vida ele se dedicaria exclusivamente para a criação de gado leiteiro da raça Jersey, ficaria mais próximo da família, manteria o mesmo padrão de renda e, acima de tudo, seria feliz. Assim foi traçado o planejamento profissional e pessoal do agrônomo Alexandre Emílio Bonani, produtor de leite da região de Paraguaçu Paulista, na Água do Sapé. Atualmente, a Estância São Judas Tadeu, de 15 alqueires e localizada próximo a cidade, abriga 100 cabeças de vacas, com a produção de 1200 litros de leite/dia. São 71 animais em produção e o restante em pré-parto. “A gente armou um esquema para ficar com 70% dos animais ativos na ordenha (em lactação), e 30% no pré-parto (secas).

Sempre tive e gostei de gado de leite. Sou engenheiro agrônomo. Fiquei um certo tempo trabalhando para fora em uma empresa agrícola, mas nunca deixei de exercer a minha profissão. Entretanto, no final de 2019 me desliguei da empresa, depois de 12 anos, e passei a me dedicar exclusivamente ao leite”, comenta.

Diante das mudanças realizadas na sua vida profissional, o pecuarista afirma estar mais feliz agora. “A minha paixão sempre foi o gado, que eu nunca deixei de lado. Mexo com isso faz 30 anos e, agora com exclusividade, há 2 anos. Eu me especializei, tive quase 20 anos de estudo para poder exercer esta profissão que eu tanto gosto que é a Agronomia, mas o gado sempre foi a minha paixão. No entanto, a vida é feita de ciclos e eu esquematizei a minha vida para que num determinado período de tempo eu chegasse neste ponto. Eu já previa ficar só

com o gado”, enfatiza.

A estância fica muito próxima da cidade. Segundo o produtor, esta localização lhe permite o acesso a todas as facilidades em termos de logística. “Eu aliei esta questão de morar na propriedade e estar bem por conta disso, com o fato de gostar do gado e fazer o negócio funcionar. A gente tem que estar sempre atento ao que ocorre com o gado. O proprietário tem que acompanhar. Tem aquele ditado que o boi engorda com os olhos do dono. É um ditado milenar e que vale para toda a vida porque cada dia é uma história, cada dia é um acontecimento. Hoje o meu sono é melhor, minha vida é melhor. A gente está todo dia em casa, almoça em casa, você trabalha dentro de casa, praticamente. Claro que você só entra em casa para almoçar e para dormir, mas você não deixa de estar em casa”, justifica.

Bonani destaca que o gado Jersey é dócil e pode ser criado a partir de uma alimentação mais rústica. Além disso, se adapta bem à pequena propriedade e ao manejo familiar. “O nosso sistema é semiextensivo. O gado fica até o meio-dia em piquetes. A gente tem 32 piquetes mantidos com *Brachiária decumbens*, todos com árvores e água. Destes 32 piquetes, dois são destinados para o gado seco, que recebe uma suplementação no cocho. Nos outros 30, as lactantes permanecem na pastagem em um piquete por dia”, diz. Ele comenta que os piquetes não são exatamente homogêneos com relação à sua metragem, mas como os animais pastejam somente até as 10h e recebem a suplementação na parte da tarde é menor a exigência quanto a esta alimentação. “Quando sai o sol as vacas vão à sombra. Com isso, no momento em que elas começam a ser recolhidas para a ordenha, ao meio dia e meia, elas já estão deitadas faz tempo. A gente traz elas para o piquete que antecede à sala de ordenha, onde tem sombra, sal e água. Entre 13h30 e 14h começa a segunda ordenha. A primeira é das 4h às



7h. Então das 7h às 14h é o intervalo que elas têm para produzirem o leite para a segunda ordenha. Não dá 12h de intervalo certinho, o certo era que a gente conseguisse manter as duas ordenhas com o mesmo tempo, mas não dá por questão de manejo e de horário aqui da propriedade. Então a produção da tarde é menor. 60% do que produzimos é retirado de manhã e 40% a tarde”, detalha.

A alimentação das vacas é realizada com pastagem e suplementação. No cocho, elas recebem uma mistura de silagem de milho, casquinha do algodão e a Ração Bovino Lactação 24% da Coopermota. Elas comem esta mistura após a ordenha e ficam fechadas a noite inteira. Durante a ordenha, comem o concentrado (três quilos de manhã e três quilos à tarde) e então saem para o piquete. Toda ração fornecida aos animais são armazenadas em um silo graneleiro instalado em sua propriedade no sistema de comodato com a Coopermota. Isso permitiu otimizar o manejo e reduzir custos com armazenamento. bem como obter melhores condi-

ções de compra da ração.

Alexandre comenta que a vaca Jersey é uma das raças, se não for a principal, que melhor se adapta à clima, a manejo e à profilaxia das doenças. “São animais com casco muito forte, o que é um grande problema em outras raças leiteiras, a conversão alimentar é muito rápida e muito boa. Aqui na Estância a gente não abre mão de manter o calendário das vacinas em dia. É muito difícil você ter uma doença relacionada exatamente ao tipo do gado. De vez em quando aparece uma mastite, por conta do leite, o que é normal, mas isto não está intimamente ligado à raça, mas sim com a higiene e a uma série de manejos que a gente tem que ter. Agora, o Jersey é uma raça muito resistente, muito longeva. Isso foi um dos fatores que a gente considerou no momento da escolha da raça, devido ao baixo custo de farmácia. Então tudo que você consegue poupar de despesa faz com que a receita no final do mês seja mais agradável”, diz.



As ordenhas ocorrem sempre às 4h e às 14h.



} SEGREDO PARA UMA BOA PRODUÇÃO

Para o pecuarista, o segredo para tudo na vida é o planejamento. Contudo, destaca as variações existentes entre o planejamento e a aplicação destas medidas. “Às vezes você faz um planejamento, mas a coisa não sai daquela maneira que você planejou. Então sempre tem que ter um plano B, mesmo em cima de um planejamento, porque você está lidando com um animal vivo e pode haver mudanças inesperadas”, afirma.

Bonani afirma estar próximo da eficiência ideal de sua propriedade e destaca que o segredo para o sucesso de seu negócio é fazer conta de custos e receitas “no fio da navalha”. Ele comenta que a margem é muito estreita, então é necessário que se obtenha animais com um custo benefício equilibrado. “O segredo é se programar, ter animais selecionados, fazer uma peneira dentro do rebanho e ficar com animais extremamente produtivos. Hoje tenho média de produção de 18 a 20 litros, animal/dia. São animais que eu tenho um custo de produção relativamente baixo, de médio a baixo, neste sistema que estou dizendo para você. Então primeiro é controle de custo. Só que não adianta nada você adequar o custo a partir da redução de qualidade e de quantidade do trato. Então a gente tem que ser muito proativo em cima disso. Precisa programar bem as compras e se abastecer bem para as sazonalidades do inverno, que é o maior gargalo da atividade leiteira. É exatamente quando o preço do leite está mais convidativo, mas você nem sempre vai ter um retorno melhor na

época das secas. Se você ficar com um trato muito caro não adianta você vender melhor no mercado. A conta não bate se seu custo subir muito mais do que subiu a sua receita”, comenta.

Conforme o pecuarista, o planejamento da propriedade deve prezar pela eficiência de manejo e de produção. “Por isso que eu falo: o pequeno produtor pode ser muito mais eficiente do que um grande, principalmente por causa do custo, salvo as proporções. Se ele tiver animais saudáveis, de boa produtividade e com custo baixo, ele pode ser muito mais eficiente do que um grande, já que os gastos com funcionários e alguns outros custos internos são menores. Hoje, a nossa receita representa 30% do valor bruto. (30% de lucro). É um desafio a ser alcançado que poucos produtores conseguem, mesmo os grandes”, destaca.

Na atividade leiteira, a produção das vacas é de aproximadamente 300 dias no ano, tendo pelo menos 60 dias de pré-parto. Diferente de algumas outras raças bovinas, o Jersey se caracteriza pela precocidade de parição e longevidade de produtividade. Na Estância São Judas Tadeu, tudo é planilhado com o controle zootécnico de cada animal, data de gestação, parição e outros dados cotidiano dos animais. Contudo, Bonani afirma conhecer vaca por vaca, tendo em vista que o contato com elas é diário e contínuo. “Elas são bem mansinhas. Este tipo de gado é igual a um cachorro. Então você acaba conhecendo uma por uma”, afirma.

Ao fundo, o silo obtido em comodato com a Coopermota, que permitiu otimizar custos com a ração do gado.



} PRÓXIMOS 2 ANOS

Embora afirme estar em uma situação economicamente favorável na Estância, o planejamento do pecuarista é ampliar a renda na propriedade. Como trabalha atualmente com um rebanho jovem, com média de dois anos, ele projeta que daqui a dois anos as vacas ainda estarão economicamente ativas, tendo em vista que estarão com 4 ou 6 crias. A raça ainda permanece com boa produção por cerca de 12 crias, então elas estarão praticamente na metade da vida útil. “O planejamento é agregar mais receita. A proposta é vender os animais que ainda estarão no meio da vida produtiva, já que são animais ainda bem valorizados no mercado, aliando isso à renda do leite. À medida que for realizando a venda, vamos substituindo estes animais por novilhas primíparas. Assim, vou agregar um valor muito bom nestes animais, já que não se tratam de descarte, com animais já desgastados e que vão para o abate, mas sim de bons animais aptos para o mercado. Aliado a isso a gente vai repondo com o melhoramento genético das reprodutoras”, planeja.

O pecuarista afirma que não pretende possuir mais do que 100 animais na sua propriedade. A sua meta é aumentar a produtividade por vaca, ao longo do tempo, a partir do melhoramento genético, sem ampliar o rebanho. “Hoje estamos com uma produção na faixa de 18 a 20 litros vaca/dia e uma mudança neste patamar, que envolve a genética não acontece de uma hora para outra. A ideia é aumentar a produção das minhas vacas na ordem de 10 a 20%. Não na primeira cria. Demanda uns 5 anos”, prevê. ■



A consultora Luciane Custódio, da Coopermota, acompanha bem de perto o trabalho de Alexandre Bonani para auxiliá-lo no manejo do gado.



Os abacateiros já ocupam cerca de 50 hectares da minha propriedade

É uma fruta gostosa de mexer, eu ainda estou aprendendo a lidar com o abacate; a seca do ano passado reduziu minha produção em 40%

Os cafezais ainda ocupam a maior área de cultivo da região de Piraju, porém, a presença dos abacateiros se torna cada vez mais relevante, isso porque algumas propriedades com diferentes abrangências já ganham representatividade na localidade. É o que ocorre na Fazenda São Marcos, localizada no bairro Barra Grande, município de Sarutaiá. Há seis anos, o então cafeicultor e também agrônomo, Márcio Luiz Bergamo Fávaro, aderiu ao plantio do abacate, influenciado pela falta de estímulo diante do preço do café e a possibilidade de uso dos mesmos maquinários e implementos nas duas lavouras. Além disso, também avaliava como positivo o cultivo do abacate como uma proposta de cultura alternativa, já que há algum tempo observava seu desenvolvimento nas lavouras da região.

Fávaro comenta que os abacateiros começam a produzir comercialmente a partir do quinto ano

de plantio, exigindo alguns manejos de controle de plantas daninhas e doenças neste período. “O abacate é um pouco delicado. Em primeiro lugar, não podemos usar qualquer tipo de adubo, pois tem vários que são tóxicos para esta cultura. O cloreto de potássio é um deles. Em substituição a este produto, eu uso um adubo orgânico, à base de cálcio. Já para os defensivos, temos que fazer pulverizações a cada 40 a 45 dias, mais ou menos. Se comparado ao café, a quantidade de pulverizações que se usa no abacate é bem maior. Nos cafezais a gente pulveriza de 2 a 3 vezes ao ano, apenas”, compara.

Na fazenda São Marcos, as pulverizações são sempre realizadas apenas com trator, não sendo utilizado o controle por meio de aviões, seja na fase inicial ou quando as árvores já estão maiores. Já no que se refere às doenças, o fruticultor destaca que o principal problema é a Gomose, uma doença que ataca a raiz e traz prejuízos consideráveis à cultura.

A doença também é conhecida como “podridão do pé”, causada pelo fungo *Phytophthora citricola* que necrosa a parte inferior do tronco das árvores, podendo apresentar exsudação de goma (líquido que transborda pelos poros da planta e adquire consistência viscosa) e posterior apodrecimento da casca. O controle normalmente é realizado com fungicidas curativos e também com a pasta bordalesa.

Na Fazenda São Marcos, todo o plantio foi realizado de maneira escalonada, nos quase 50 hectares abrangidos pela cultura. Desta forma, o produtor possui áreas de seis, cinco, três, dois e um

ano, tendo ainda outra plantação com apenas 90 dias de cultivo. O escalonamento contribui para manutenção de uma renda constante. “Eu planejei o plantio para que a cada ano um pomar novo entre em produção. A gente produz de 150 a 200 quilos por pé em uma safra anual”, comenta.

O abacate já ocupa cerca de 40% de área da fazenda e seus planos preveem a ampliação desta abrangência a partir de 2021. “Vou aumentar mais uma quadra. Este aumento de área já estava nos meus planos. Tenho uma lavoura de café que eu vou ter que renovar. Vou arrancar café e plantar abacate. A meta é deixar meio a meio as duas culturas”, diz.



Vista aérea da Fazenda São Marcos, com destaque para a abrangência do abacate em diversos talhões da propriedade.

INTEMPÉRIES CLIMÁTICAS

Mesmo com a adoção do correto manejo da cultura, as intempéries climáticas ainda trazem dificuldades no trato do abacate, principalmente entre aqueles não irrigados, como é o caso da Fazenda São Marcos. “Esta safra que a gente está colhendo agora, não só eu como vários outros produtores tivemos dificuldades devido a estiagem do ano passado. Ela ocorreu justamente depois da florada do abacate. Tivemos aquela estiagem entre outubro e novembro e isso derrubou muitos abacatinhos. Caiu muito e a gente perdeu bastante. Fora isso está correndo tudo normalmente”, avalia. Conforme estima, o abortamento dos frutos devido à estiagem resultou em uma quebra de produção de aproximadamente 40%, contudo, avalia que mesmo assim terá uma boa produtividade.

Além da falta de chuva, o calor intenso do período seco também influenciou no abortamento dos pequenos frutos. “No final de outubro você não

via folha nas árvores. Só abacate, mas por causa da seca caiu tudo e o chão ficou forrado de pequenos frutos. O problema é que estava tudo seco e então veio uma chuva muito fraca. Na sequência, voltou o calor intenso. Isso piorou tudo”, lembra.

Em 2019, foram 90 dias sem chuva na região da fazenda São Marcos. Desta forma, mesmo os produtores que possuíam irrigação na propriedade passaram por dificuldades devido ao baixo nível de água nos reservatórios. “Foi a pior seca. Com o café a gente já teve um probleminha mais não foi tão intenso, o café aguenta um pouco mais”, afirma.

Fávaro conta que já plantou legumes como pimentão, tomate e pepino, cultivados em estufa. Depois disso passou a plantar o café e agora está há seis anos com o abacate. “É uma fruta gostosa de mexer. Eu estou aprendendo a trabalhar com o abacate”, avalia.

} ORGANIZAÇÃO DO PLANTIO À VENDA

Na fazenda São Marcos são cultivadas as variedades Geada, Fortuna e Margarida, que são abacates grandes. Tratam-se de opções tropicais, disponíveis de norte a sul no mercado brasileiro. Em julho, o produtor realizava a colheita da variedade Fortuna, a qual já estava em fase de finalização. Já em 30 ou 40 dias seria iniciada a colheita do Margarida. Cada variedade tem sua época de reprodução e mercado específicos. O tempo de maturação, da florada à colheita, depende da variedade: para o Geada são necessários quatro meses, já para o Fortuna são seis meses. Porém, segundo o produtor, é a variedade Margarida a que tem melhor saída na região.

Quanto ao plantio propriamente dito, o agricultor comenta que optou pelo modelo mais adensado ao que normalmente é aplicado na região. O padrão praticado é de 100 metros quadrados por pé, contudo, a opção adotada na fazenda foi de 54 metros quadrados. “Este plantio está diferenciado em relação ao comum. Este está adensado. Normalmente se cultiva a uma distância de 10x12, 12x12, 10x10. Aqui estamos 6x9”, destaca.

Entre as ações de manejo de solo, Fávares destaca o que chama de “camaleão”, compreendido por porções de terra muito semelhantes às curvas de níveis destinadas às culturas de grãos, porém neste caso delimitadas para elevar as plantas e não apenas bloquear a enxurrada. Neste sistema, a água da chuva escorre de modo que não permaneça empoçada próximo ao caule do abacate, o que prejudica o seu desenvolvimento. “Aqui o nosso solo é pesado e não drena a água, ela empoça e demora vários dias para ser absorvida. A raiz do abacate é superficial, então é preciso cuidados mais precisos na sua proteção”, comenta.

Além do camaleão, o abacate também é cultivado em consórcio com a braquiária, sendo parte com a variedade ruziziense e parte com a maranduba. A mesma ruziziense também está no consórcio com o café.

Todo o manejo, do cultivo à colheita é manual. As podas vêm sendo conduzidas periodicamente, já que galhos muito adensados reduzem a produção. “A gente vai aprendendo e aprimorando a produção com o tempo. Em algumas áreas também faremos a poda de copa para frear o crescimento da planta (Margarida)”, cita.

Já no primeiro ano após o cultivo já é possível colher os frutos, porém, a produção comercial começa a ser efetiva a partir do quinto ano. Na Fazenda São Marcos, os compradores retiram a produção in loco, em caminhões fechados. As vendas ocorrem para restaurantes e revendedores de cidades como Porto Alegre, Curitiba, Santa Catarina, Fortaleza, Goiânia, entre outros. O mais próximo local de entrega é Carlópolis, em um entreposto, próximo a Ribeirão Claro.



} O ABACATE NO MUNDO

De acordo com dados de institutos de pesquisa agrícola, São Paulo é o principal estado produtor do fruto, com mais de 80 mil toneladas anuais da fruta, mais de 50% da produção total do país. O Brasil, ocupa a 7ª posição no ranking de produção do abacate, com mais de 150 mil toneladas e mais de 11 mil hectares cultivados nas regiões sul, sudeste e nordeste do país. ■



Lucas Hespanhol Batistela, da Coopermota, garante o aporte técnico ao produtor, Márcio Fávoro.



A florada sugere ao produtor que a colheita será rentável.



COM VOCÊ PARA FAZER O SEU MELHOR.

As motosserras STIHL estão sempre com você, seja qual for o trabalho ou atividade. Uma parceria para você ter qualidade, potência e tecnologia para dar o seu melhor. E para oferecer vantagens especiais para você levar a sua:

**COMPRE UMA MS 250 E GANHE*
UM MISTURADOR DE COMBUSTÍVEL.**



*Grátis 1 misturador de combustível na compra de uma motosserra MS 250. Condição válida até 30/09/2020 ou enquanto durarem os estoques, apenas nos pontos de venda STIHL participantes.



@STIHLBRASIL



@STIHLOFICIAL



STIHL BRASIL



STIHL BRASIL OFICIAL

STIHL.COM.BR

**STIHL**



CAMPOCOOPER Do campo para as plataformas digitais



ASSISTA AO
CAMPOCOOPER
POLO 1



ASSISTA AO
CAMPOCOOPER
POLO 2

No CampoCooper podemos ver materiais que se sobressaíram na questão de estresse e que vão trazer bons resultados para o nosso amigo produtor

Espigas de milho com visual atrativo, plantas com bom stay green (colmo ainda verde tendo as espigas com formação já concluída e baixa umidade no grão), sanidade de colmo e folhas, além de uma perspectiva de boa produtividade em todas as áreas visitadas. Tais perfis de lavouras foram apresentados no CampoCooper Regional Digital – especial híbridos, apresentado ao produtor pela Coopermota. As características bastante positivas compuseram essa vitrine virtual de desenvolvimento de híbridos de diferentes multinacionais e de empresas brasileiras.

Normalmente, o mês de julho é o momento em que os produtores se reúnem neste que é o principal evento técnico de inverno da Coopermota, o CampoCooper. Nestas ocasiões, a participação dos produtores para conferir in loco tais desenvolvimentos varia conforme a localidade, já que estes

eventos têm tradição nas cidades de Palmital (onde foi lançado), Campos Novos Paulista, Bernardino de Campos, Maracá e, recentemente também passou a ser realizado em Teodoro Sampaio.

No entanto, o ano de 2020 exigiu inovações e alterações em algumas iniciativas que vinham sendo realizadas. A reunião de centenas de produtores nestas áreas de lavouras de demonstração passou a ser virtual. Ao invés dos agricultores se deslocarem até o recinto do CampoCooper, desta vez bastou um celular ou um computador para acompanhar tais realidades em diferentes regiões. A apresentação foi realizada virtualmente por meio da rede O Campo Coopermota, mídias sociais e youtube, sendo dividida em duas etapas, Polo 1 (<https://www.youtube.com/watch?v=zKSXtuzjWGA>) e Polo 2 (<https://www.youtube.com/watch?v=RhwI7vb6E7U>).

Com o novo formato, a possibilidade de avaliar

as plantas e produtos das empresas participantes ganhou mais amplitude, já que além de assistir a transmissão propriamente dita, o produtor pode acessar o canal do youtube da Coopermota a qualquer momento e conferir o que foi preparado para este tema.

Para apresentar as lavouras aos produtores, a equipe da rede O Campo Coopermota visitou propriedades comerciais e também de pesquisa, com atenção específica à análise de híbridos. Entre os locais estiveram, Campos Novos Paulista, Cândido Mota, Bandeirantes (PR), Echaporã, Gardênia, Ibirarema, Palmital, Platina, Piraju, Salto Grande, Santa Cruz do Rio Pardo e Santa Mariana (PR).

A abertura do evento digital foi realizada pelo presidente, Edson Valmir Fadel (Branco Fadel). Na ocasião, ele deu boas vindas àqueles que o assistiam e agradeceu a participação das empresas, dos colaboradores que atuaram na realização do evento e, principalmente, ao produtor. “Temos que inovar. Os tempos vão mudando e a cada ano a gente tem que trazer novidades. Estamos aqui para mais um evento, para levar informação aos nossos produtores e aos nossos cooperados, para que a gente possa melhorar a nossa produtividade a cada dia. Com esta proposta, a gente completa a nossa missão que é produzir alimentos com segurança e sustentabilidade. Fizemos o possível para

que, mesmo distante, a gente conseguisse levar a melhor informação para o produtor, em busca de melhores resultados para a nossa atividade. Atividade essa que eu me orgulho tanto, já que ela é tão importante para, não só produzir alimentos, como também trazer divisas para o nosso país. Nós temos uma missão muito importante, que é cuidar do nosso planeta, do nosso solo e é isso que a gente faz sempre”, salienta.

O gerente do Polo 2, João Carlos Bernardo, destaca que a organização do evento digital procurou envolver todas as cidades onde a cooperativa já realizava o CampoCooper presencial. “Estamos tentando abranger solos diferentes, com climas diferentes e trazendo algumas outras novidades para auxiliar no planejamento do nosso cooperado”, diz. Da mesma forma, o gerente do Polo 1, Rômulo Sussel, dá ênfase no trabalho desenvolvido pelos agrônomos e gestores na condução destes plantios instalados em áreas comerciais, os quais trazem os resultados para ajudar o produtor na sua escolha da próxima safra de inverno. “É um trabalho que se iniciou no começo da safra e agora apresentamos os resultados para os agricultores. Trazemos a mesma qualidade e os mesmos resultados do CampoCooper presencial. É um material bastante rico, preparado para ser apresentado neste evento digital. Agradeço a todos”, destaca.





} MANEJO ALIADO AO HÍBRIDO

As demonstrações envolveram regiões de pesquisa como também áreas comerciais, em regiões de sequeiro, mas também de irrigação. Em Platina, por exemplo, o híbrido apresentado foi cultivado em lavoura com irrigação instalada, com solo misto, mais próximo do arenoso. O milho foi cultivado local em que a fertilidade do solo ainda vem sendo construída, porém já apresentou uma lavoura com ótimo desenvolvimento. Em todas as situações apresentadas, no entanto, a tolerância ao complexo de enfezamento, causado pela cigarrinha, foi a característica unânime entre os híbridos recomendados pelas empresas parceiras da cooperativa.

O representante técnico de uma das empresas participantes do CampoCooper, Evandro Frazzatto,

ênfatiza que “a região de Cândido Mota é uma praça de altíssimo investimento no milho de segunda safra”. Segundo ele, cada vez mais os produtores buscam híbridos que atendam a esta necessidade e cita ainda que as demonstrações do evento apresentam materiais que seguem esta expectativa do agricultor.

Em demonstração realizada em Salto Grande, o representante técnico de outra empresa parceira do evento, Fábio Criveli Murador, comenta que 2020 foi um ano extremamente desafiador. “Tivemos uma seca e um calor muito alto no começo destes plantios. Além disso, a falta de chuva e o frio antecipado trouxeram muitos problemas para as lavouras de milho. No CampoCooper podemos ver materiais que se sobressaíram na questão de estresse e que vão trazer bons resultados para o nosso amigo produtor”, comenta. ■



Tenha controle além do campo de visão

Aplique no início ou perca no final



Spider® 840 WG

HERBICIDA

Escolha o melhor pré-emergente. Proteja a sua soja contra a matocompetição desde o início e mantenha a lavoura no limpo por mais tempo.

SOJA LIMPA POR MAIS TEMPO? SPIDER® 840 WG.

- Controla o banco de sementes de plantas daninhas como **buva** e **capim-amargoso**
- Pré-emergente que melhor passa a palhada
- Maior espectro de controle do mercado
- Pode reduzir uma aplicação de glifosato
- Permite aplicação em período seco
- Sem restrição para plantio de trigo e milho safrinha após a soja

ATENÇÃO ESTE PRODUTO É PERIGOSO À SAÚDE HUMANA, ANIMAL E AO MEIO AMBIENTE; USO AGRÍCOLA; VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO; CONSULTE SEMPRE UM AGRÔNOMO; INFORME-SE E REALIZE O MANEJO INTEGRADO DE PRAGAS; DESCARTE CORRETAMENTE AS EMBALAGENS E OS RESTOS DOS PRODUTOS; LEIA ATENTAMENTE E SIGA AS INSTRUÇÕES CONTIDAS NO RÓTULO, NA BULA E NA RECEITA; E UTILIZE OS EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL.



Safra Milho 2021/2021

TROQUE SUA SAFRA DE MILHO COM A COOPERMOTA

Entre em contato
com a Unidade Coopermota
mais próxima para saber
mais sobre as condições
da troca de safras.

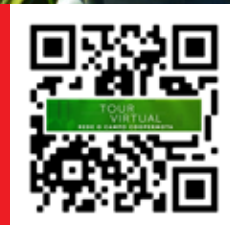
 Coopermota



INFORMAÇÃO AO PRODUTOR

A recomendação agrônômica à disposição nas redes virtuais

O Tour Virtual da rede O Campo Coopermota aborda diferentes culturas ligadas à cooperativa e o primeiro programa está disponível no Youtube



ASSISTA O TOUR VIRTUAL 1º EPISÓDIO:
'MILHO DE SEGUNDA SAFRA'

“**C**omo vocês podem ver, aqui temos dois exemplares de plantas de milho. Se trata de um mesmo híbrido, da mesma lavoura, do mesmo produtor, plantado na mesma data, porém um deles está cultivado em área onde há um manejo bacana, principalmente da parte física do solo, e outro em um solo mais adensado. Então a gente nota a dificuldade que a planta encontrou para formar o seu sistema radicular”, destaca o agrônomo da Coopermota, unidade de Cândido Mota, Ricardo Gabriel da Silva. Em um cultivo de milho, ou em qualquer outra cultura, a importância dos cuidados com o solo determina grande parte do desenvolvimento das plantas. Além disso, também

estão agregados à eficiência das lavouras, os tratos culturais contra pragas, doenças, plantas daninhas e outros. Estes tópicos, além de outras recomendações estão disponíveis no primeiro programa da série desenvolvida pela rede O Campo Coopermota, intitulado Tour Virtual. O material de comunicação está disponível no canal do youtube da cooperativa (<https://www.youtube.com/watch?v=pA7ixWv1VJs>) e tem a proposta de abordar diferentes culturas com recomendações técnicas dos agrônomos da Coopermota.

A primeira edição trouxe informações específicas do milho de segunda safra, porém outras atividades como a pecuária de corte e a leiteira, o soja, o

sorgo, o amendoim, etc, também serão abordadas no programa que terá veiculação mensal. “Tour virtual da rede O Campo Coopermota. Aqui você vai encontrar informações importantes do plantio à colheita. Nós vamos trazer informações sobre o manejo adequado para a sua produtividade e qual o melhor híbrido para a sua realidade”, destaca a jornalista Vanessa Zandonade, no trecho de abertura do programa que recomendou práticas de manejo para a cultura do milho de segunda safra.

No programa já veiculado, o agrônomo Ricardo explica que “o manejo ideal para a correção biológica do solo prevê a realização de análises periódicas, que indiquem o uso correto de calcário, gesso e outros materiais. Desta forma, será possível obter um solo capaz de oferecer os componentes biológicos necessários para o desenvolvimento do híbrido e até mesmo disponibilizar melhor os nutrientes que já estão no seu entorno, mas não são liberados para a planta. Já no que se refere à parte física do solo, aí estamos falando diretamente de medidas para evitar compactação”, ensina.

Da mesma forma, o agrônomo, Paulo César Antunes (Gamarra), traz informações sobre os manejos recomendados para evitar prejuízos com a cigarrinha. “A gente tem buscado hoje, principalmente a genética com tolerância à esta

praga, porque aí o bom resultado da lavoura vai depender apenas do manejo que o produtor vai adotar para aquela área. Para isso, precisa fazer as aplicações de inseticidas no momento certo e utilizar produtos que garantam a rotação de princípio ativo, entre outros”, enfatiza.

Ainda no que se refere às pragas, o agrônomo José Carlos Godinho (Japão), enfatiza que o controle do percevejo precisa ser realizado logo no início da cultura. Ele enfatiza que os materiais já vêm tratados com inseticidas, mas alerta que, geralmente, o tratamento tem ação efetiva somente entre dois ou três dias após o cultivo. Dependendo da infestação desta praga a recomendação é de que se faça uma aplicação de pós-emergente para evitar prejuízos na lavoura.

Já no que se refere à escolha do híbrido, questão que tem despertado grande preocupação dos produtores devido às diferentes opções disponíveis no mercado, o agrônomo, Anibal Reinaldo de Andrade, comenta que o bom desempenho de um híbrido vai depender de uma série de fatores presentes naquela safra. “Se você escolhe um material de alto teto produtivo, utiliza um adubo de qualidade, mas não faz a correção ideal de solo, não vai adiantar nada”, garante.





} ÁREAS IRRIGADAS

A região do Vale Paranapanema passou por um estresse hídrico de aproximadamente 50 dias, o que influenciou, em grande medida, no desenvolvimento dos híbridos nesta safra. Tal situação não ocorre nas culturas em que a irrigação faz a compensação da ausência de águas pluviais. Neste sentido, o agrônomo João Paulo Franciscatti, traz um exemplo de manejo adotado em área de irrigação. “Estamos uma área irrigada que recebeu a adubação de 340 pontos de nitrogênio, 90 pontos de fósforo e 90 pontos de potássio. Teve duas aplicações de fungicida e o manejo de herbicida para pragas, percevejo e cigarrinha, foi feito com quatro aplicações durante o ciclo da cultura. Como aqui nós não temos o risco do estresse hídrico, o nível de investimento é um pouco maior, em relação ao sequeiro, e também é importante trabalhar com uma população mais elevada para se obter resultados superiores”, enfatiza. ■

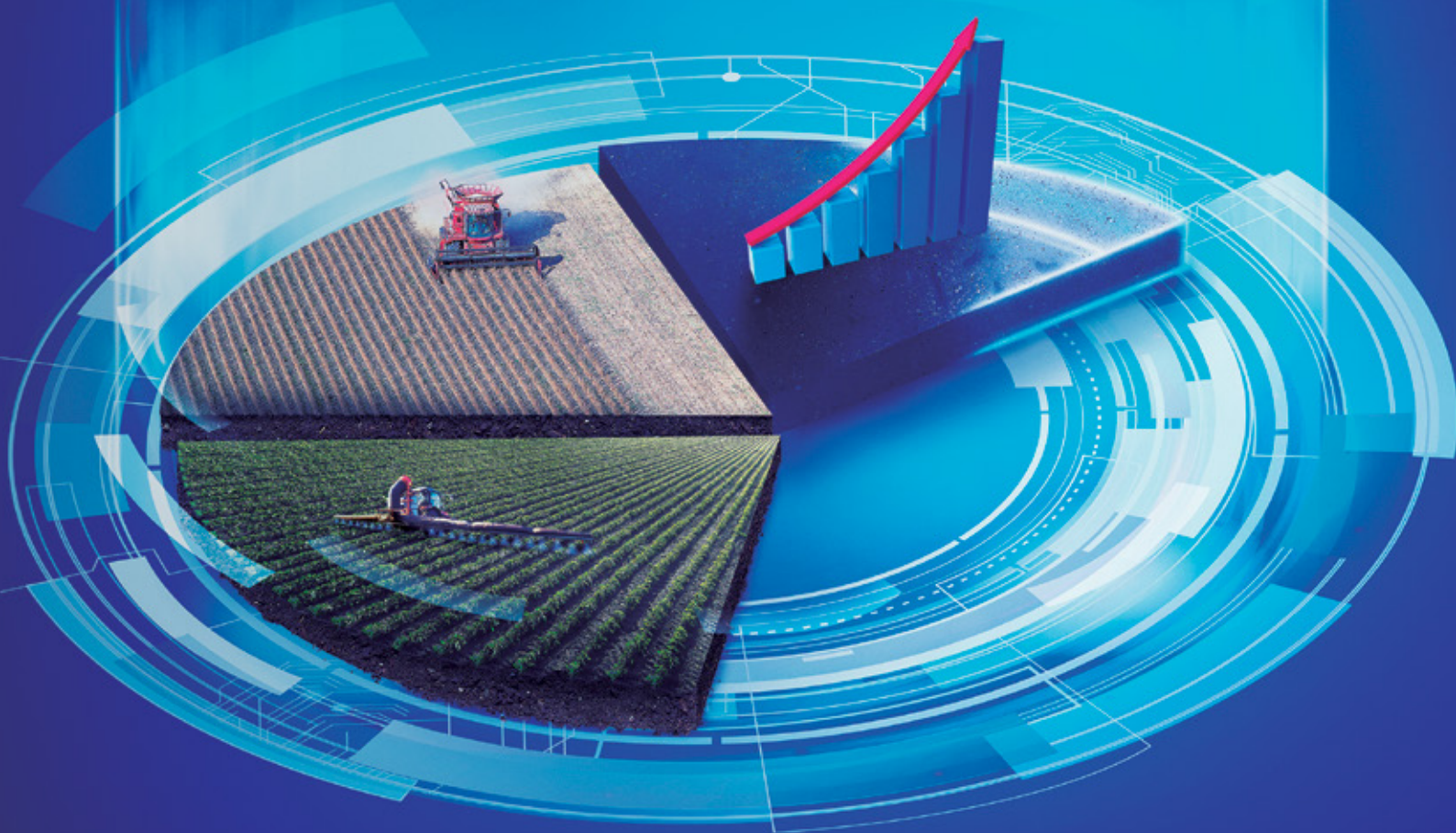




Cronnos[®]



Seu tempo rende mais, sua soja também.



Solução que resiste ao tempo
no combate às doenças da soja.



O MELHOR PEIXE CONGELADO

E NÃO É CONVERSA DE PESCADOR



candú

ALIMENTOS
QUALIDADE
COOPERMOTA

NOSSA RECEITA

JÁ PREPAROU O SEU JANTAR DE HOJE? APROVEITE AS RECEITAS QUE A CANDÚ TROUXE PARA VOCÊ.

CEVICHE À MODA CANDÚ

Ingredientes

500g filé de tilápia Candú
5 limões taiti
1 cebola roxa grande
2 tomates sem sementes
1 pimenta dedo-de-moça
1 lata de milho verde
Folhas de salsa ou coentro
Sal a gosto
Azeite a gosto

Preparo

- 1 - Corte os filés de tilápias em cubos pequenos;
- 2 - Fatie as cebolas finamente;
- 3 - Descarte as sementes e corte as pimentas em tiras bem finas;
- 4 - Em um bowl, coloque as tilápias, a cebola, o milho e as pimentas.
- 5 - Acrescente o sal e misture bem;
- 6 - Acrescente o suco dos limões e leve à geladeira por cerca de 1h;
- 7 - Quando for servir acrescente os tomates cortados em cubinhos, a salsa (ou o coentro) e o azeite.



Receita enviada por nossos degustadores oficiais, nossos clientes!

Envie também a sua receita com filés de Tilápia. Escreva para ocampo@coopermota.com.br ou nos contate pelo WhatsApp (18) 9 9163 0985



candú

ALIMENTOS
QUALIDADE
COOPERMOTA



COOPERMOTA

Um desenvolvimento que acompanha o bom momento da agricultura

Os conselheiros administrativos da Coopersmota destacam que a cooperativa vem mantendo um crescimento gradativo e consistente, de forma que possua estruturas sólidas a longo prazo



ACESSE A PESQUISA DA EMBRAPA CITADA NA MATÉRIA

Há 50 anos, a realidade da agricultura brasileira causava preocupação entre governantes e entidades ligadas ao setor. O baixo rendimento dos grãos e da pecuária, somado ao pouco poder de produção dos agricultores não atendiam à demanda interna de consumo. De acordo com dados de publicação da Embrapa, “Visão 2030: o futuro da agricultura brasileira”, datada de 2018, “de 1975 a 2017, a produção de grãos, que era de 38 milhões de toneladas, cresceu mais de seis vezes, atingindo 236 milhões, enquanto a área plantada apenas dobrou” (<https://www.embrapa.br/visao/mudancas-socioeconomicas-e-espaciais-na-agricultura>). Em contrapartida, a realidade atual é de grande visibilidade do agronegócio, sendo ele responsável

por números expressivos na balança comercial e na formação do Produto Interno Bruto (PIB). A mesma pesquisa da Embrapa estima que em 2027, “o Brasil produza acima de 290 milhões de toneladas de grãos e mais de 34 milhões de toneladas de carnes bovina, suína e de frango”.

Tais circunstâncias foram avaliadas em um bate-papo do Conselho Administrativo da Coopersmota com a revista O Campo. Estiveram presentes os conselheiros Alexandre Andrade, Lúcio Borges, Hugo Henrique Andreotti, José Sanches Marin, Jorge Luiz Alves, Rodrigo Cavani Cardoso, Carlos Henrique Pamplona Pyles, Edson Valmir Fadel e Antônio de Oliveira Rocha.

Com base nos dados e nos desdobramentos recentes



Alexandre Andrade, Lúcio Borges, Hugo Henrique Andreotti, José Sanches Marin, Jorge Luiz Alves, Rodrigo Cavani Cardoso, Carlos Henrique Pamplona Pyles, Edson Valmir Fadel e Antônio de Oliveira Rocha.

do desenvolvimento da agricultura, o conselheiro, José Sanches Marin, enfatiza que a agricultura vive um grande momento no país. “O Brasil, no contexto mundial de fornecedor de alimentos, proteínas está cada vez mais qualificado. A evolução da agricultura é reconhecida mundialmente e a cooperativa está dentro deste contexto. Ela vem acompanhando e ajudando o nosso cooperado a se desenvolver. Esta é uma responsabilidade para a qual a gente tem que estar muito atento. Nós temos que estar sempre junto do agricultor mostrando os avanços para ele. Para isso, a cooperativa está buscando novas áreas de atuação, com novas lojas, novos produtos e segmentos. Então eu acho que a agricultura vive um bom momento e a cooperativa também experimenta uma ótima fase”, analisa.

Na avaliação sobre a situação atual da agricultura e o posicionamento da cooperativa frente à esta realidade, o também conselheiro, Rodrigo Cavani Cardoso, cita que, do ponto de vista macroeconômico, as relações comerciais e de demandas estão mudando. Com isso, estima que as disputas entre as potências mundiais, num futuro próximo, deverão envolver o poder sobre a produção de alimento e não mais por energia, como eram no passado. “Lá atrás foi por minério, depois foi por energia e agora acho que vai ser por alimento. A China mesmo é um país que

se preocupa muito com a questão: alimentos. Tanto é que, a perspectiva é de que até 2050 ela dobre o volume de negociações de carne e soja com o Brasil”, comenta.

Neste mesmo sentido, Sanches acrescenta que o próximo país a procurar muito alimento é a Índia e, segundo ele, o Brasil é o país que tem mais condições de responder a esse aumento rápido de consumo porque tem produção e qualidade.

Frente ao panorama apresentado pelos demais conselheiros, Lúcio Borges, destaca que, diante desta questão relativa ao aumento do consumo mundial, a cooperativa teria a função de levar tecnologia e fornecer insumos de melhor qualidade aos produtores rurais, para que estes possam ter melhores produtividades. Isso porque, segundo ele, a proposta não é aumentar a área cultivada no país, mas sim aumentar a produção. “A cooperativa auxilia muito nisso. Ela vai ajudar o agricultor a produzir mais, com a mesma área. Os números mostram que o Brasil está aumentando a produção e até já passou os EUA sem aumentar muito a sua área. Então é nessa parte que a cooperativa vai ajudar o produtor: a ganhar um pouco mais, para que tenha a rentabilidade que o permita investir no incremento de tecnologia aplicada em sua produção.



} CRESCIMENTO GRADUAL E SÓLIDO

Diante do crescimento da agricultura, o conselheiro Alexandre Andrade enfatiza que o incremento de produção, conhecimento e tecnologia que vem ocorrendo no campo, responsável pela obtenção de altas produtividades e mais investimentos nas lavouras, também leva a cooperativa a ganhar mais estrutura para acompanhar este aumento.

Da mesma forma, o atual presidente da Coopermota, Edson Valmir Fadel, o qual também faz parte deste conselho administrativo, salienta que os números estatísticos da cooperativa demonstram a situação positiva deste empreendimento, inclusive com a superação das metas predeterminadas. Ele avalia que 2020 foi um ano positivo para a cooperativa. Acrescenta que a equipe administrativa busca inovar e agregar valor de seus negócios, a partir da verticalização de alguns setores produtivos. “As metas buscam solidificar a atuação da cooperativa junto ao cooperado. Ele cresce e nos empurra a crescer também para atender à sua demanda, com o crescimento de toda a sua estrutura, em um ciclo virtuoso de desenvolvimento”, afirma.

Sanches, por sua vez, enfatiza que se trata de um crescimento gradual, de forma que os avanços

não coloquem em risco o negócio já consolidado da cooperativa. “Nós temos um planejamento estratégico vigente. Estamos seguindo este documento fielmente. Todas unidades estão sendo reformadas e revigoradas. O agricultor está confiando mais na cooperativa. Trabalhando mais. Os investimentos que estamos realizando estão sendo muito bem aceitos pelos cooperados”, complementa.

Borges pontua ainda que a cooperativa tem optado por diversificar os setores de atuação, incluindo novas culturas entre suas estratégias de negócios, mantendo a soja e o milho como principais, mas abrangendo outras atividades agrícolas como a pecuária, o amendoim e outras.

Neste sentido, Jorge Luiz Alves, conclui dizendo que a cooperativa precisa acompanhar o crescimento da agricultura. “Quando a nossa cooperativa foi fundada ela era voltada para o café. Imagina se ela não se adequasse à realidade da região. Ela foi mudando e acompanhando as mudanças externas. Agora ela também está fazendo isso. Se expandindo e não só pensando em grãos, soja e milho. Atua também em outras áreas que ela avalia como rentável”, finaliza. ■



Durante a pandemia, as reuniões do conselho administrativo têm sido realizadas em espaço aberto do Centro de Eventos.

Este produto é perigoso à saúde humana. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônomico.



ADAMA.COM 

COMUNICAÇÃO ADAMA

Galil®

Tranquilidade até onde a vista alcança.

MANEJO EFETIVO
DE PERCEVEJOS



Controle de fato é Galil®



META DE ATUAÇÃO

Acompanhar o desenvolvimento de cada setor da cooperativa

O conselho atual é formado pelos titulares Mateus Siqueira Pio, Gilberto Frandsen e Francisco Antônio de Oliveira Filho, bem como pelos suplentes Edson Urbanetti, Vagner José Zardetto e Antônio Terezan

Eles assumiram o cargo há poucos meses e a lista de tarefas a cumprir já está sobre a mesa de trabalho da equipe. Os seis membros do Conselho Fiscal eleito na assembleia de março dizem já estarem com as estratégias de ação definidas até o final do mandato, que se encerra em março do ano que vem. De acordo com os próprios conselheiros, a meta é realizar a avaliação fiscal e de desenvolvimento de cada setor, no que chamam de acompanhamento detalhado e criterioso da cooperativa como um todo.

Edson Urbanetti explica que em todas as reuniões os conselheiros discutem sobre os dados de algum setor da cooperativa. “A gente avalia um ou dois centros de custo em uma reunião e já fica agendado

para o próximo encontro o setor que avaliaremos na sequência. Olhamos cada centro de custo existente. Todos os setores têm um balanço que demonstra o que está sendo gasto e em que ações vêm lucrando ou tendo algum problema. Todos estes setores serão verificados. Vai dar tempo? Não sei, já que temos apenas uma reunião por mês, mas nos esforçaremos para isso”, afirma.

Urbanetti comenta que geralmente os conselheiros olham com mais atenção para as despesas que oscilam no mês em relação ao padrão de gastos. “Pode ser que seja um maior gasto por conta da necessidade de transbordo, por conta das contratações de safra, enfim, qualquer alteração no ritmo de gastos nós

estamos atentos e buscando a sua justificativa”, diz.

Da mesma forma, Francisco Antônio de Oliveira Filho comenta que tudo o que se gasta na cooperativa será de conhecimento do conselho. “Será tudo passo por passo analisado. Esta ação tem o objetivo de contribuir para o desenvolvimento da cooperativa da melhor forma possível”, comenta.

Paralelamente ao trabalho de verificação mensal das contas por meio dos balancetes emitidos por departamentos da cooperativa, os conselheiros também destacam que farão visitas às unidades, de forma a acompanhar de perto a realidade de cada região. “O Gilberto já esteve com o João Carlos (Bernardo – Gerente de Polo Regional) em algumas unidades. O ideal seria fazermos comitivas para as visitas, mas como estamos em período de pandemia vamos nos revezar para que as visitas ocorram de forma individual e que os dados sejam

posteriormente trazidos para serem avaliados pelo conselho”, comenta Francisco.

Embora o início do roteiro de visitas tenha sido junto às unidades do Polo 2, os conselheiros afirmam que já estão se preparando para percorrer as lojas do Polo 1, com Rômulo Sussel – gerente de Polo Regional.

O conselheiro Francisco destaca que, entre as atribuições da equipe, está a função de ser um elo entre os cooperados e a diretoria. “Quando estamos entre cooperados sem cargos específicos, e muitas vezes é assim que nos vemos porque não sabem que somos conselheiros, eles se abrem com mais facilidade. Sempre trazemos todas as demandas dos demais cooperados. Desta forma, a diretoria consegue elaborar as suas ações tendo conhecimento do que o cooperado anseia”, afirma.

Gilberto Frandsen, Edson Urbanetti, Antônio Terezan, Vagner Zardetto, Francisco Antônio de Oliveira Filho, Mateus Pio.





} COOPERATIVA EM ASCENSÃO

Questionados sobre a avaliação que fazem da atual situação da cooperativa, os conselheiros são unânimes em afirmar que se trata de um negócio em ascensão. Destacam que o momento é de crescimento em várias frentes de atuação da cooperativa.

Urbanetti cita melhorias em vários setores da cooperativa. “Ela melhorou muito, seja no sistema de controle pessoal ou de gastos. A Coopermota se profissionalizou muito. Hoje eu acho que a nossa empresa é top de linha. Está num patamar bem elevado no sistema de gestão administrativa e na gestão dos colaboradores. Melhorou muito a logística, a recepção de grãos e em vários outros pontos”, diz.

Francisco por sua vez, enfatiza que existem alguns pormenores que precisam ser melhor definidos, porém em todos os setores a cooperativa apresenta crescimento nos últimos anos. Mesmo com a Covid-19, os conselheiros comemoram os resultados que vêm sendo obtidos pela cooperativa.

} FUNÇÃO DO CONSELHO FISCAL

Segundo Estatuto da Coopermota, o conselho fiscal tem a função de ser um “órgão fiscalizador supremo da cooperativa, independente e subordinado unicamente à Assembleia Geral, cujas atribuições são definidas no Estatuto Social (...). É um órgão que tem como principal objetivo fiscalizar os atos da administração, opinar sobre determinadas questões e dar informações aos associados. Este grupo de cooperados deve deliberar sobre uma agenda de trabalho relacionada com o exercício das atividades financeiras, com, no mínimo, uma reunião ordinária mensal”. ■



O Plano de Saúde do Produtor Rural

NUNCA FOI TÃO
IMPORTANTE
TER UM **PLANO**
DE SAÚDE

Não espere a
doença chegar!
Proteja já sua família.

Na campanha
CARÊNCIA REDUZIDA,
inscrição feita,
atendimento imediato.

Informe-se com a gente!
A campanha tem prazo limitado.

**CARÊNCIA
REDUZIDA**

 **Coopermota**

 **(18) 3341-9410**

www.spasaude.org.br

ANS - Nº 324493





MAIS DE 3 MIL QUILOS DE SOLIDARIEDADE

Entre os meses de junho e julho, as **unidades da Coopersmota** se envolveram na arrecadação de alimentos, roupas e materiais de higiene. A iniciativa fez parte da programação do **Dia de Cooperar** (Dia C), atividade nacional do cooperativismo, que visa enfatizar a cooperação entre as pessoas. Mais de 3 mil quilos de produtos, entre alimentos, roupas e equipamentos de higiene foram doados para a cooperativa. Todas as arrecadações foram entregues ao Fundo Social de Solidariedade de cada município onde a cooperativa está situada.

Cada cooperativa realiza a campanha de cooperação conforme a sua realidade e, no caso da Coopersmota, a iniciativa nasceu da junção de demandas que surgiram desde o início do ano, agregando as necessidades ocasionadas em decorrência da pandemia que está em curso, das necessidades de roupas diante da chegada do frio e dos alimentos para a ajuda às famílias de uma forma geral.

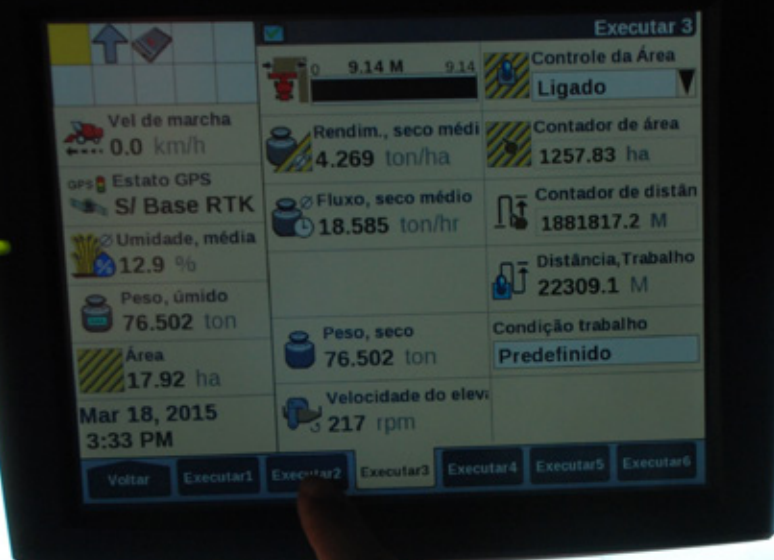




COMEMORAR **E COOPERAR**

Se as comemorações com grandes aglomerações das festas juninas e julinas da Coopermota estavam inviabilizadas neste ano de pandemia, a cooperação e a participação de cooperados e colaboradores esteve em alta no cronograma de atividades da cooperativa. Em dias agendados, todas as unidades estiveram decoradas para criar o clima e realizar a arrecadação de recursos. Além da festança entre os colaboradores e aqueles cooperados que precisavam ir até a unidade, também foram comercializados kits de quitutes típicos das festas juninas, a preço subsidiado pela Coopermota. Toda a renda foi revertida para o auxílio dos artistas que normalmente animam as festas juninas da Coopermota e que nesta pandemia estão com dificuldades devido a suspensão dos eventos.





PESQUISA EMBRAPA

84% dos agricultores já utilizam ao menos uma tecnologia digital

O percentual foi retratado em pesquisa sobre o retrato da agricultura digital brasileira, desenvolvida pela Embrapa, em parceria com o Sebrae e Inpe

Uso de ferramentas digitais para comercialização, interesse por soluções digitais, gargalos em infraestrutura de conectividade e falta de conhecimento sobre as tecnologias disponíveis são alguns tópicos extraídos da pesquisa realizada com mais de 750 participantes entre produtores rurais, empresas e prestadores de serviço sobre tendências, desafios e oportunidades para a agricultura digital no Brasil. O trabalho foi feito por meio de parceria entre a Embrapa, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e revelou que 84% dos agricultores brasileiros já utilizam ao menos uma tecnologia digital como ferramenta de apoio na produção agrícola

Os resultados, recém-consolidados, mostram que a facilidade de comunicação e de acesso à informação, proporcionada pela internet, são a porta de entrada hoje para introduzir o agricultor nessas novas tecnologias. Mas aplicações mais especializadas, capazes de ampliar o acesso a mercados, reduzir custos ou ainda agregar valor à produção já estão no radar dos produtores rurais, com potencial de expansão.

O estudo foi realizado no âmbito do projeto de cooperação “Inteligência estratégica para pequenos negócios rurais: agregação de valor e tecnologia”, coordenado pela Secretaria de Inovação e Negócios (SIN) da Embrapa e firmado em parceria com o Sebrae. Seu objetivo é ajudar a orientar novas pesquisas e inovações além de subsidiar estratégias

de mercado.

A pesquisa amostral, aplicada por meio de um questionário on-line, ficou disponível entre abril e junho deste ano e contou com a participação de 504 agricultores, de todos os estados brasileiros e do Distrito Federal. A maioria deles, 72%, cultivam áreas de até 50 hectares, com agricultura, pecuária e silvicultura, e 69% têm mais de dez anos de experiência na atividade rural.

Seja para agilizar a comunicação na hora de contratar um serviço, pesquisar o preço de um insumo ou para enxergar a propriedade com outros “olhos”, mapeando a lavoura e planejando a atividade, a pesquisa mostra um retrato atual de como esses produtores rurais estão utilizando a internet, aplicativos de celular, drones, entre outras tecnologias, e também um panorama das suas expectativas e dificuldades.

Mais de 70% dos produtores rurais que responderam à pesquisa disseram que acessam a internet para interesses gerais sobre agricultura. Já as redes sociais, como o Facebook, e os serviços de mensagem, como o WhatsApp, foram apontados por 57,5% deles como meios utilizados para obter ou divulgar informações relacionadas à propriedade, comprar insumos ou vender sua produção.

“Essas ferramentas são utilizadas em atividades gerais com o objetivo de ajudar no planejamento e na gestão da propriedade, mas foi possível observar também que uma boa parte dos produtores rurais já utiliza outras aplicações a partir de sensores remotos e de campo, eletrônica embarcada, aplicativos ou plataformas digitais para fins específicos em uma cultura ou sistema de produção”, explica o pesquisador da Embrapa Informática Agropecuária (SP), Édson Bolfe, que coordenou o estudo.

Cerca de 40% dos produtores disseram que vêm usando essas novas tecnologias como canal para a compra e venda de insumos e da produção e, ainda, em torno de um terço deles utiliza soluções digitais com o objetivo de mapear a lavoura e a vegetação e para a previsão de riscos climáticos. “Outras aplicações das tecnologias aparecem em número menor, mas vemos como áreas com tendência de crescimento aquelas voltadas para o bem-estar animal, citada por 21,2% dos respondentes; e para certificação ou rastreabilidade dos alimentos, mencionada por 13,7% deles”, completa Bolfe. Ele resalta ainda que 95% dos produtores registraram na pesquisa que desejam mais informações sobre agricultura digital.



INFORMAÇÃO

Se os produtores se mostram ávidos pelas tecnologias digitais, algumas barreiras ainda desestimulam sua adoção. Os resultados da pesquisa indicam que o valor do investimento para a aquisição de equipamentos e aplicativos assusta o agricultor. Esse aspecto é apontado por 67,1% deles como uma das dificuldades. A questão aparece à frente de problemas estruturais, como a qualidade de conexão na área rural.

Para o engenheiro-agrônomo e sócio da startup IZagro Murilo Bettarello, a preocupação vem da visão de que essas novas tecnologias foram feitas somente para produtores rurais com alta capacidade de investimento. “Há ainda a percepção de que são tecnologias caras, mas existem muitas aplicações de baixo custo que já fazem a diferença e podem iniciar o agricultor nessa jornada da agricultura digital”, acredita. Segundo ele, falta a informação sobre avanços tecnológicos chegar ao produtor, principalmente médios e pequenos.

Essa demanda por mais informação já era percebida pelo Sebrae e aparece agora na pesquisa. A falta de conhecimento sobre quais são as tecnologias mais apropriadas foi mencionada como uma dificuldade por quase 41% dos produtores rurais. “Existem muitas ferramentas que o agricultor desconhece ou não compreende para que servem”, afirma o analista de Competitividade no Agronegócio do Sebrae Victor Ferreira. Uma das estratégias que serão desenvolvidas a partir do estudo é a criação de conteúdos para melhorar a informação para o agricultor sobre as soluções digitais disponíveis.

De acordo com a pesquisa, 40,5% dos agricultores utilizam tecnologias digitais para atividades de compra e venda. Segundo o analista do Sebrae, os produtores estão descobrindo novas formas de comunicar o seu produto, por meio de mídias sociais digitais e plataformas de marketplace, e isso tem feito com que se posicionem de maneira diferente, seja no negócio, na própria família ou com os clientes. Essa demanda por ferramentas para comercialização da produção acelerou ainda mais com a pandemia do novo coronavírus e as medidas de distanciamento social. ■

Matéria completa em:

<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/54770717/pesquisa-mostra-o-retrato-da-agricultura-digital-brasileira?link=agencia>



ARTIGO EMBRAPA FERRUGEM ASIÁTICA

Ciência e cientistas conectados com o mundo

O fungo causador da ferrugem asiática este fungo possui um dos maiores e mais complexos genomas; a cooperação científica se tornou essencial diante da velocidade com que desafios complexos têm surgido

Um consórcio internacional constituído por 12 instituições públicas e privadas acaba de anunciar a conclusão do sequenciamento e montagem do genoma do fungo causador da devastadora ferrugem-asiática-da-soja, doença responsável por prejuízos que excedem R\$ 10 bilhões a cada ano, somente no Brasil. Entre causadores de doenças em vegetais, este fungo possui um dos maiores e mais complexos genomas, e esse avanço traz grande esperança para o seu efetivo controle. Além da Embrapa e da Universidade Federal de Viçosa, participaram do consórcio instituições dos Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha, o que demonstra a importância de uma ciência internacionalizada para enfrentarmos problemas complexos.

Ao se unirem para sequenciar e disponibilizar dados sobre o genoma desse fungo, os membros do consórcio abrem caminho para que dezenas ou centenas de outras instituições, ao redor do globo, se debruçam sobre essas informações, desenvolvendo soluções para controle da doença. Esse é apenas um caso que ilustra avanços na forma como o conhecimento científico é produzido, acessado e utilizado. Novas e diversificadas formas de intercâmbio e cooperação entre cientistas estão surgindo em múltiplos campos do conhecimento, ampliando sinergia entre disciplinas e capacidade de lidar com desafios, muitos até então considerados intratáveis.

O fato é que cooperação científica para busca de complementaridade de recursos e talentos

se tornou essencial diante da velocidade com que desafios complexos têm surgido. Países em que ciência e cientistas estão conectados com o mundo ganham mais capacidade de superar tais desafios e se beneficiam mais rapidamente do universo de oportunidades que emerge dos centros mais avançados de geração de conhecimentos e inovações tecnológicas. Por sua vez, países com problemas de isolamento, perda de talentos e desconexão com as redes de conhecimento terão poucas chances de conquistar posições assertivas no mundo da inovação tecnológica, o que limita seu progresso econômico e social.

Por ter construído um robusto sistema de ensino, pesquisa e pós-graduação, o Brasil dispõe de massa crítica para avançar muito na internacionalização da sua ciência. Para isso, o país precisa encontrar formas criativas de superar a distância geográfica dos grandes centros de geração de conhecimento, na América do Norte, Europa e Ásia, além de remover barreiras culturais e linguísticas que dificultam a inserção internacional dos nossos cientistas e limitam a atratividade das nossas instituições para cientistas de outras partes do mundo. Em vez de lamentarmos a perda de cérebros provocada por recorrentes crises econômicas e escassez de recursos, poderíamos buscar formas de mobilizar e motivar cientistas brasileiros radicados pelo mundo a se integrarem ao nosso sistema de inovação e à nossa agenda de desenvolvimento.

Muitos países já superaram há tempos o trauma da fuga de talentos, encarando a presença de seus cientistas radicados em centros avançados não como uma perda, mas como uma oportunidade para treinamento e capacitação de novos profissionais, formação de redes de colaboração e monitoramento de inovações que possam beneficiar seu desenvolvimento. Se tal visão for incorporada e bem gerida, o Brasil poderá contar com uma rede de relacionamentos e de formação de estudantes em centros avançados ao redor do globo. Sendo ainda mais ousados, poderíamos criar condições para que mais cientistas brasileiros pudessem galgar posições de destaque em centros avançados de inovação, motivados a ajudar o país a se manter conectado à fronteira do conhecimento. Os recentes e surpreendentes avanços da ciência em países como China e Índia são em grande medida baseados nessa estratégia. No caso chinês, a possibilidade de atrair de volta uma legião de profissionais de alto nível permitiu que eles criassem uma base científica robusta, articulada com redes de conhecimento em todo o mundo e



conectada ao seu projeto de desenvolvimento.

É imperativo que, no Brasil, mecanismos capazes de criar e fortalecer tais redes de relacionamentos sejam priorizados. Programas de internacionalização da Fapesp são casos exemplares de sucesso na intensificação de pesquisas colaborativas a partir de acordos com agências de fomento, institutos e universidades, além de programas para atração de professores visitantes e jovens pesquisadores. Tais ações poderiam ser intensificadas e replicadas em outras fundações estaduais de apoio à pesquisa, incorporando formas de mobilizar e motivar cientistas brasileiros radicados em outros países a se engajarem numa agenda de internacionalização da ciência brasileira.

Outro exemplo a ser seguido é o Programa de Laboratórios Virtuais da Embrapa no Exterior (Labex), que completou, em 2018, duas décadas de atividades ininterruptas. Pesquisadores seniores se inserem e colaboram em projetos de pesquisa de alto nível em instituições parceiras no exterior, além de dedicarem parte do seu tempo a atividades de antenagem tecnológica e articulação da participação da Embrapa em redes de pesquisa internacionais. Esse modelo, já testado e validado pela pesquisa agropecuária brasileira, poderia ser disseminado para ampliar a inserção de outras áreas estratégicas da ciência brasileira nos centros mais avançados de geração de conhecimento e inovações tecnológicas. ■

MAURÍCIO ANTÔNIO LOPES
PESQUISADOR DA EMBRAPA



ARTIGO

Descodificando os algoritmos da soja brasileira

O fungo causador da ferrugem asiática possui um dos maiores e mais complexos genomas; a cooperação científica se tornou essencial diante da velocidade com que desafios complexos têm surgido



**CINTIA LEITÃO DE SOUZA,
HEAD DE AGRONEGÓCIO
DA SENIOR SISTEMAS**

Ela brilha e é a estrela da vez no cenário nacional tão conturbado por questões político-econômicas e de saúde pública. A soja, ou “o soja”, como ouvimos habitualmente no campo, alça o país ao topo do pódio dos gigantes da agricultura. Talvez, o novo petróleo brasileiro.

Nos negócios, dizem que o novo petróleo do mundo, são os dados. Seja pela capacidade de geração de valor exponencial a que são capazes através de suas conexões, seja pela transparência das informações que geram e o manuseio delas em tempo real. Afinal, qual a correlação entre dados, algoritmos e a soja?

Para o Brasil, sem sombra de dúvida, o novo petróleo vem do campo, das mãos de milhões de agricultores brasileiros que lutam em meio às incertezas com afino e disciplina. A estrela das oportunidades em um mundo cheio de restrições e retrações. É a soja quem representa um papel fundamental na cadeia alimentar e é responsável pela produção das proteínas, do início ao fim da cadeia, serve para a alimentação de humanos e animais.

A soja brasileira, bate recordes históricos

nesta safra 2019/2020. Segundo previsões do Departamento de Agricultura dos EUA (USDA), deve bater a casa de 126 milhões de toneladas quando terminar em agosto deste ano. Um feito implacável! Esta produção alça novamente o país ao posto de líder da produção mundial deste tipo de cultivo.

Porém, não estamos dizendo que os dados sejam menos importantes que a soja. Muito pelo contrário, o que defendemos aqui é que os dados e a soja, devem andar de mãos dadas, devem ser totalmente conectados. Juntos, eles levarão o país à uma robustez estratégica internacional inédita, através de análises e gestão de dados que nos tornarão muito mais competitivos.

Usamos dados e biotecnologia para alcançar os mais altos patamares de produtividade de nossas lavouras, agora chegou a vez de nos tornarmos experts em gestão de custos, trava de preços, uso de ferramentas financeiras como o barter e, principalmente, nos tornarmos os melhores negociantes globais. Em meio a tantas incertezas este é o momento de capturar valor. Em uma atualidade controversa como a que vivemos, onde os cenários não se desenham com a facilidade ou linearidade de antes, sejam eles pessoais, de saúde pública, político ou econômico, ter a segurança da informação correta nas mãos, é vital.

Temos discutido vidas e economia. Vidas, geram a economia e a economia gera recursos para que se atue na manutenção das vidas. Intercaladas de alguma forma, sem juízo ou defesa de valor, ambas

são norteadas pelas as informações. Informações estas que delineiam os passos certos, calculados, em cada esfera de nossa sociedade. Seja no Brasil ou no mundo.

O mundo todo está vulnerável, instável, vivemos no meandro das incertezas. Mas as decisões não podem ser balizadas nelas. As decisões incertas podem nos direcionar a um mergulho sem volta. Nunca os dados e as informações tiveram tanto valor, sejam elas na gestão do nosso cotidiano, em nossas famílias, empresas ou no campo. Analisar e tomar decisões baseadas em dados é questão de sobrevivência, por mais simples que elas sejam. Sejam para conter avanços de pandemias ou gerir restrições sociais. Este é o ponto central.

Vivemos um momento de pujança em nosso agronegócio, motivo para batermos no peito, nos enchermos de orgulho de sermos brasileiros. Sim, produzimos muito e muito bem! Entre tantos entraves, vencemos os gigantes da produção mundial. O que me questiono neste momento incerto, é: o que estamos fazendo ou faremos com essa nossa safra recorde? Como estamos manejando nossas frotas, o carregamento dos grãos nos contêineres e caminhões? Como calculamos os nossos custos da safra e nos planejamos para a próxima, diante de um cenário onde o dólar, o grande balizador dos preços de venda e dos custos deste cultivo, parece dançar em um ritmo alucinado? Onde iremos parar nesta crise global?

Para onde iremos, ninguém sabe. Mas temos como saber de que forma podemos ter o controle





de nossos negócios em nossas mãos para nos blindarmos dos tempos intempestivos que chegam como uma forte tormenta tropical. Temos que ter a segurança das informações em nossas mãos. Tomarmos as rédeas da situação que nos envolve. Esta responsabilidade é nossa.

Como estão as empresas e os agricultores que ainda não haviam sucumbido ao poder da gestão e da informação em tempo real? Os dados desorganizados nos levam ao efeito manada de correr para qualquer lugar em um momento de incerteza. Organizados, nos dão segurança e poder da melhor decisão.

Caros amigos do agronegócio, temos uma oportunidade única em nossas mãos. Somos novamente líderes globais. Vamos extrair o valor gerado pelo nosso novo petróleo. Este é o momento de colhermos os melhores resultados e nos planejarmos para colheitas de resultados ainda maiores e melhores. Não vamos deixar essa oportunidade exponencial que se abriu diante de nós, escorrer por entre os dedos de nossas mãos. ■



A Copermota
também
é saúde para o

AGRICULTOR

Adquira o plano
S.P.A. Saúde
na unidade
mais próxima.



*Consulte o regulamento

ANS - Nº 324493

Aproveite a campanha de carência reduzida e contrate seu plano

 (18) 3341 9410

 SPASAÚDE.org.br

 **S.P.A.**
Saúde
O Plano de Saúde do Produtor Rural

 **Copermota**

NUTRIÇÃO PARA OVINOS CAMPEÕES

A **Nutrição Animal Ovinos** garante um desenvolvimento homogêneo dos cordeiros, tanto no plantel quanto no rebanho, gerando uniformidade e qualidade de carcaças. Na Dieta Total *Crescimento* a presença da biotina previne lesões nos cascos.

